

# **Divulgação científica em *La Propaganda Rural*: antecedentes da formação prescritiva do discurso no Uruguai disciplinado**

*Scientific divulgation in La Propaganda Rural: history of the prescriptive formation of discourse in disciplined Uruguay*

*Divulgación científica en La Propaganda Rural: antecedentes de la formación prescriptiva del discurso en el Uruguay disciplinado*

---

**Phillipp DIAS GRIPP**  
**Juan Francisco Xavier ALVEZ**  
**Ada Cristina MACHADO SILVEIRA**

---

*Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*  
N.º 129, agosto - noviembre 2015 (Sección Monográfico, pp. 193-210)  
ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X  
Ecuador: CIESPAL  
Recibido: 01-08-2015 / Aprobado: 17-01-2016

## Resumo

O artigo analisa antecedentes históricos de divulgação científica através da abordagem da discursividade de *La Propaganda Rural*, revista uruguaia de circulação transnacional. O artigo objetiva entender os sentidos correlacionados ao disciplinamento na divulgação científica. Verificou-se que a análise de enunciados publicados em edições de 1909 constata a importância da formação prescritiva, reconhecida pela regularidade de duas visadas interdependentes: a utilitária dos conhecimentos científicos e tecnológicos e a processual de aplicabilidade regrada.

**Palavras-chave:** história da mídia; comunicação e desenvolvimento; comunicação e integração; disciplina; divulgação científica.

## Abstract

This article analyses historic precedents on science divulgation through an approach on the discourse of *La Propaganda Rural*, Uruguayan transnational circulation magazine. The paper aims at understanding the senses linked to discipline in scientific divulgation. The analysis of utterances published in the 1909 editions gives evidence of the prescriptive formation, recognised by the regularity of two interdependent views: the usefulness of scientific and technological knowledge and the regulated procedural applicability.

**Keywords:** media history; communication and development; communication and integration; discipline; scientific divulgation.

## Resumen

El artículo analiza antecedentes de la divulgación científica a través del abordaje de la discursividad de *La Propaganda Rural*, revista uruguaya de circulación transnacional. El artículo tiene por objeto entender los sentidos correlacionados al disciplinamiento en la divulgación científica. Se verificó que el análisis de enunciados publicados en ediciones del año de 1909 señala la formación prescriptiva, reconocida por la regularidad de dos miradas interdependientes: la utilitaria de los conocimientos científicos y tecnológicos y la procesal de aplicabilidad regulada.

**Palabras clave:** historia de los medios; comunicación y desarrollo; comunicación e integración; disciplina; divulgación científica.

## 1. Introdução

Conviveram desde cedo no Uruguai, ainda que diacronicamente, duas formas estruturais de habitar o espaço pela perspectiva de Milton Santos (2000): as interpelações e as práticas territoriais, próprias da dinâmica social, evidenciando uma “relação recíproca entre os processos de transformação das estruturas sociais e do indivíduo com relação ao espaço” (Santos, 2000, p. 87, trad. nossa). São práticas que traduzem um conjunto indissolúvel de sistemas de objetos e sistemas de ações para os quais necessariamente confluem categorias como divisão territorial do trabalho, ideologia e sensibilidades. Esse entendimento do espaço contempla as duas formas enunciadas pelo historiador José Pedro Barrán (1990a, p. 11) no estudo da formação histórica do Uruguai, a “sociedade da barbárie” e a “sociedade civilizada” ou “disciplinada”. As denominações supõem a aceitação da epistemologia foucaultiana em acordo ao que Barrán sustenta em entrevista concedida a Markarian & Yaffé (2000), ainda que em sua obra ele não faça nenhuma referência clara a respeito.

Entende-se que a concepção de sociedade disciplinada relacionada à exploração pecuária no contexto do Uruguai pode ser estudada no discurso de publicações especializadas, especialmente quando se voltam a pautas de cunho científico e tecnológico.

Pretende-se evidenciar essa proposição através da análise do periódico *La Propaganda Rural*, fundado em dezembro de 1901 pelo estadunidense Ernest O. Crocker em Montevideo. Inicialmente denominada *La Propaganda*, tinha como slogan “periódico quinzenal de assuntos rurais e comerciais”. Desde então se converteu na mais antiga publicação comercial e independente no âmbito rural ainda em circulação. *La Propaganda Rural* consagrou-se se no âmbito das produções midiáticas especializadas e manteve-se fiel ao projeto de divulgar avanços científico-tecnológicos entre os produtores rurais de diversos países pelo sistema de assinaturas e patrocínio por empresas, associações e cabanheiros, especialmente.

No presente artigo, a perspectiva da sociedade disciplinada é também tomada como uma formação ideológica nos termos de Michel Pêcheux (1997). Os conhecimentos dos antecedentes discursivos de divulgação científica adotados pela revista *La Propaganda Rural* possibilita conhecer a disseminação de sentidos correlacionados ao disciplinamento, os quais são abordados através de procedimentos de análise do discurso. Verificou-se que a análise de enunciados publicados em edições de 1909 permite constatar a importância da formação prescritiva, considerada fundamental para o desenvolvimento da pecuária, conforme se analisa a seguir.

## 2. O disciplinamento na sociedade uruguaia e gaúcha

Esboça-se aqui uma articulação entre as análises dos uruguaios Carlos Real de Azúa (1984) e José C. Willman (1994), ademais do já referido José P. Barrán (1990a; 1990b), junto aos brasileiros Darcy Ribeiro (1995), Tau Golin (2002) e Beatriz A. Courlet (2005) com vistas a evidenciar a histórica articulação de interesses entre o Uruguai e o sul do Brasil, manifesta pela irradiação de ideias políticas, mobilizações militares e modelos sociais e econômicos.

A racionalidade hegemônica imperante na nascente sociedade uruguaia até fins do século XIX caracterizou-se por uma relação cotidiana do corpo com o entorno de maneira desenfreada. Ela seria denominada por Barrán como “bárbara”: uma sensibilidade que encontra o homem muito próximo de suas pulsões. Como assinala Real de Azúa (1984) ao analisar a sociedade daquele período:

*[...] população rural dispersa, de instável assentamento e mesmo sem controles efetivos para a repressão da tendência às migrações internas que mais tarde se acen-tuaria, foi ela a base da nossa “peonagem” que constituiu um estrato social “potencialmente perigoso para a ordenação social vigente” (Real de Azúa, 1984, p. 16, trad. nossa, grifos do autor).*

A interpretação antropológica de Ribeiro (1995) entende que a formação da população sulina do Brasil reconhece o gaúcho que povoou a campanha meridional. Ainda que os gaúchos brasileiros possuam características próprias, eles comungam de uma formação histórica comum aos demais *gauchos* platinos. Esses grupos teriam surgido da transfiguração étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres indígenas. Eles, ademais, especializaram-se na exploração de gado selvagem que habitava as campinas naturais às margens do rio da Prata, introduzido por Jesuítas de um lado e por Hernandarias de outro, franqueando a sedentarização dos indígenas.

A região Platina é formada pelos Estados nacionais banhados pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, formadores da Bacia do Rio da Prata. Entende-se que a região compreende parte do território nacional da Argentina, Uruguai e Paraguai, além das regiões fronteiriças ao sul do Brasil e da Bolívia. As atuais linhas limítrofes que os desenham são resultado de diversos acordos diplomáticos entre as coroas de Portugal e de Espanha. As duas coroas assinaram diferentes tratados com fins de delimitar geograficamente a região, todos firmados em províncias espanholas: Tratado de Tordesilhas (1494), de Madrid (1750), de El Pardo (1778) e de Santo Ildefonso (1777).

Courlet (2005) explica que na época de sua colonização a sociedade platina era composta essencialmente por uma hierarquia que obedecia a três camadas: 1) os grandes proprietários de terra e criadores de gado; 2) os pequenos proprietários rurais que praticavam a agricultura familiar; e 3) os peões de estância,

índios e escravos negros. Percebe-se que a economia da região fundamentava-se na agricultura e pecuária:

*A partir do século XVII, a economia do Prata passou a se afirmar cada vez mais com a exploração do gado, através da instalação de estâncias e, mais tarde, com a produção de charque, e com uma produção agrícola de subsistência e com fins comerciais. Isto permitiu que ela cumprisse, no período colonial, um papel econômico complementar, fornecendo índios, gado e alguns produtos alimentares às zonas de mineração, que praticavam a principal atividade econômica da época. São estas atividades, desenvolvidas nas campanhas da Argentina, do Uruguai e do RGS [Rio Grande do Sul], que fizeram do espaço platino uma região relativamente homogênea em termos econômicos (Courlet, 2005, p. 6).*

Nota-se que esse cenário histórico da região, envolvido pela agricultura e pecuária, está diretamente relacionado aos interesses pelo desenvolvimento científico e tecnológico orientado pelas metrópoles europeias. Ora, se os gaúchos/gauchos se identificavam com o meio rural e encontrariam posteriormente ali o seu sustento e trabalho, logo se importariam e se dedicariam ao melhoramento gradativo da atividade primária no decorrer dos anos.

Somam-se a essas características três fatores da formação da matriz gaúcha/gaucha. Primeiro, a existência de um rebanho sem dono; segundo, a especialização mercantil em sua exploração; e, terceiro, o grau de europeização de uma parcela mestiça que estabeleceu um sistema de intercâmbio para troca de couro por manufatura. Em síntese, a matriz guarani foi a que forjou a proto-etnia gaúcha/gaucha que, definitivamente, foi a que povoou a campanha e passou a ser a matriz étnica básica das populações sulinas (Ribeiro, 1995, p. 415).

A formação da região Platina pode ser evidenciada nos costumes desde o início da colonização (Ribeiro, 1995). Os traços peculiares nutriram-se no decorrer dos anos, contribuindo para que muitas dessas características ainda estejam presentes na região e tornem evidente em certo nível de integração:

*Esses eram os gaúchos originais, uniformizados culturalmente pelas atividades pastoris, bem como pela unidade de língua, costumes e usos comuns. Tais eram: o chimarrão, o tabaco, a rede de dormir, a vestimenta peculiar caracterizada pelo xiripá e pelo poncho; as boleadeiras e laços de caça e de rodeio; as candeias de sebo para aluminar e toda a tralha de montaria e pastoreio feita de couro cru; a que se acrescentaram as carretas puxadas por bois, os hábitos de consumo do sal como tempero, da água ardente e do sabão e a utilização de artefatos de metal principalmente a faca de carnear, as pontas das lanças, as esporas e freios e uns poucos utensílios para ferver e para cozinhar (Ribeiro, 1995, p. 416).*

Os saladeiros deram origem aos matadouros e frigoríficos no período industrial, surgindo, assim, um sistema mercantil industrial muito complexo para

a época e que evidenciou distintos *status* e papéis responsáveis por afastar as relações cotidianas de patrão e gaúcho, relações que se estreitaram em momentos de enfrentamentos bélicos entre estancieiros caudilhos. Embora se possa reconhecer que em épocas de pacificação e estabilidade social a relação entre patrão e o gaúcho peão não tivesse demasiados obstáculos sociais, a relação era de muito respeito. Inclusive, “Alguns hábitos permanecem, como o gosto do patronato gaúcho pelo convívio masculino e servil que faz cada estancieiro viver cercado de peões-carrapatos” (Ribeiro, 1995, p. 422).

A perspectiva comum não deve, no entanto, sobrepor-se a um panorama histórico que ignore crises, conflitos e ódios mútuos, nos termos em que Golin registra: “Acima do compartilhamento regional estão as contradições limítrofes de nas determinações superiores do Estado nacional de cada país. Ao lado dos termos de compartilhamento e transfronteira, que expressam conceitos relativamente semelhantes, uma outra categoria também ganha espaço, a de sociedades involucradas” (Golin, 2002, p.15).

Uma descrição do contexto em que se desenvolveu o processo modernizador do Uruguai no último quarto do século XIX provém de seus historiadores G. Caetano e J. Rilla (2005, p. 94, trad. nossa) ao manifestarem que: “A pequena e turbulenta república do Uruguai poderia em muitos aspectos ser considerada como um rincão nada desdenhável daquele ‘império informal britânico’, expressão dos investigadores ingleses Robinson e Gallagher em 1953 ao referir-se à Inglaterra”.

Assim, para modernizar-se o Uruguai teve que entrar forçosamente no círculo de financiamento britânico, aumentando sua dependência. Caetano e Rilla (2005, p. 93) apontam dados provenientes das observações do historiador Peter Winn segundo as quais os investimentos britânicos no Uruguai em 1875 eram de dez milhões de Libras Esterlinas e em 1900 passariam para quarenta milhões. Considera-se assim, que o Uruguai moderno somente é reconhecível no marco de um longo processo pelo qual se integrou aos mercados mundiais pela mão da Grã Bretanha que “ambientou a diversificação produtiva [implementando] um modelo agroexportador economicamente e autoritário politicamente” (Caetano e Rilla, 2005, p. 94, trad. nossa). Tal modelo teve como produtos o couro e a carne salgada da pecuária bovina, aos quais foram adicionados a lã que alimentou a indústria têxtil londrinense e, logo depois, as carnes resfriadas e congeladas.

O historiador Williman (1994) recorda que a obra de transformação partiria dos próprios produtores quando:

*[...] fundaram a Associação Rural (1871), promoveram sua revista, deram impulso aos trabalhos estatísticos de Adolfo Vaillant, redigiram o anteprojeto do Código Rural, criaram o arquivo genealógico dos animais de “pedigree” (1887), organizaram exposições [...]. Difundiui-se o uso da cerca de arame [...] Iniciou-se o cruzamento do gado com reprodutores importados (Williman, 1994, p. 24, trad. nossa).*

Da primitiva exploração de gado se passa a um período pré-industrial com a produção de charque (carne salgada) e sua exportação, principalmente para as zonas onde predominam a exploração de cana de açúcar pela mão escrava, a exemplo das Antilhas e também para as zonas mineiras. Essa nova forma de relação com a natureza adquire uma dimensão racionalizadora e disciplinar, que implicou na observância de horários e obrigações rígidas, domesticadora do gaúcho errante, impondo técnicas de disciplinamento.

Nesse particular aspecto reconhece-se a precedência da abordagem de Michel Foucault (1999, p. 119) quando propõe o poder disciplinar atuante na domesticação dos corpos com vistas a que os sujeitos sejam úteis à sociedade através de uma série de técnicas, como a distribuição dos indivíduos por espaços e o controle das atividades regido pelo cumprimento de horários regulares: “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”.

### **3. Antecedentes da circulação transnacional de *La Propaganda Rural***

Levando em consideração as características peculiares da região Platina, evidencia-se o interesse comum em temas atinentes à exploração pecuária. Vislumbra-se, assim, o potencial de circulação transnacional de informações científicas sobre a temática.

Em 1917, o engenheiro agrônomo Roberto J. Urta, ao se tornar o diretor da revista, mudou seu nome para *La Propaganda Rural*. Ela iniciou com periodicidade quinzenal, tornando-se mensal em 1935 e assim consolidando-se. Durante a década de 1950, a revista passou a ser distribuída oficialmente também na Argentina e no Estado do Rio Grande do Sul e, desde o início do século XXI, no Paraguai, destacando-se no cenário de integração e comunicação na região Platina (Rosmarino, 2015). A circulação transnacional da revista demonstra a relevância de informações especializadas para a integração econômica da região Platina.

Observe-se que a distribuição oficial da revista no Brasil iniciou a partir da relação dos editores da época com especialistas da área agrária integrantes da Associação Brasileira de Criadores Ovinos (ARCO), fundada em 1942 e com sede em Bagé, cidade fronteira do Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. O intercâmbio científico-tecnológico, decorrente dos profundos vínculos que a colonização comum da fronteira seca de Uruguai-Brasil sempre esteve presente e é comprovado pela decorrente da amplitude de interesses comuns e contínua circulação de profissionais em julgamentos, feiras e leilões de animais (Vieira, 2015).

Desde sua fundação, a ARCO produziu periódicos especializados. Assim, faz-se perceptível como *La Propaganda Rural* constitui-se numa relevante produção, configurando como antecedente de periódicos acerca do mesmo tema, concretamente evidenciado nas posteriores publicações da ARCO.

Devido a *La Propaganda Rural* ser uma produção uruguaia, faz-se pertinente enfatizar a formação do país para compreender as condições de produção da revista.

O Uruguai foi uma sociedade que teve uma colonização débil e tardia, talvez por não se caracterizar pelas genéricas regularidades que se apresentaram em outras regiões, como expressa Real de Azúa (1984, p. 17, trad. nossa), sem “massas indígenas aptas para sua redução à servidão”, inclusive sem as “riquezas minerais de importância nem essas possibilidades climáticas para uma agricultura de plantação”. Mesmo com essas particularidades e a raiz de uma condição geográfica, foi uma região apta para as *correrías*, uma vez que desde o norte e do litoral irromperam, de maneira quase cotidiana, portugueses, bandeirantes, faineiros e changeadores com seus particulares *modus vivendi*, os quais alimentaram o surgimento e consolidaram um setor social terratenente que exigia ordem, ainda quando aquela população rural dispersa tinha se constituído em um estrato social de “massa” nas guerras revolucionárias civis. Estas representaram uma base muito débil para a estabilização de uma sociedade pretensamente hierarquizada e, por sua vez, um “fator de fragilidade para o poder” (Real de Azúa, 1984, p. 21, trad. nossa), que se desencadearia em custos muito altos sobre tempos revoltosos em que vivera à época.

O Uruguai, síntese dos *povos transplantados* nos termos de Ribeiro (1969), não tinha aspectos culturais que o consolidaram como nação; os caracteres que o unificaram, mas não o homogeneizaram, foram a partidocracia construída através dos enfrentamentos dos partidos políticos, bem como as frações partidárias ou pátrias subjetivas que socializaram os sujeitos desde um marco ideológico, estabelecendo a mais antiga, profunda e completa secularização vivida na América Latina.

Analisar as sensibilidades que marcaram o Uruguai como nação e sua integração cultural à região Platina é uma forma de interpretar as maneiras como as pessoas desentranham seu mundo social na prática imediata do momento vivido. A linguagem, as ações e os gestos “modelados por estruturas de sentimento de um lugar e um tempo concretos” permitem conhecer um tipo particular de pessoa: “um sujeito/agente social historicizado” (Narotzky & Smith, 2010, p. 19-21, trad. nossa).

Outra característica dessa sensibilidade civilizada foi o aparecimento de um Estado de bem-estar, muito próximo ao que três décadas depois se conheceu no Ocidente como *Welfare State*, desenhando-se uma sociedade de tom igualitário, um Estado distributivo, que descansa em um aparato burocrático que rege e vigia todos os setores do Estado e da sociedade. Esse novo Estado veio a suplantat o modelo oligárquico ou modelo de desenvolvimento exógeno (*hacia fuera*)



até aí preponderante e subordinado aos interesses da classe superior estancieira, conforme caracteriza a corrente crítica cepalina ao explicar os modelos de desenvolvimento na América Latina.

#### 4. A racionalidade da sociedade disciplinada

O modelo prematuro de desenvolvimento endógeno (*hacia dentro*) encontra suas raízes na sociedade bárbara. É dela que emerge, contradizendo-a e superando-a ao se utilizar de estratégias disciplinadoras para que não haja possibilidade de resistências. Mas, ao mesmo tempo, recorre a dispositivos conservadores, de tal forma a contentar os interesses da nascente classe urbana sem descuidar dos próprios da classe rural.

Entre os dispositivos disciplinadores encontra-se um exercício subordinado ao poder civil e onipresente em todo o território, que se nutre dos corpos desenfreados, integrantes da subclasse uruguaia com o fim de normalizá-los. Esse exército tem uma dupla incumbência, equivalente a conter a peonagem errante, integrando-a em suas fileiras e, por outro lado, dar segurança ao país mediante a implantação de uma ordem normativa que provém do governo central e que, em tese, deveria, como finalidade principal, garantir o direito de propriedade da oligarquia pecuarista.

A escola pública também se encontra entre os poderes disciplinadores aos quais a classe que pretendia hegemonizar-se recorreria. Ela surge coincidentemente com a modernidade e se institui laica, gratuita e obrigatória em um país que havia interrompido sua incipiente e particular democracia através de um golpe de Estado. Em que pese a isso, a escola pública uruguaia já ensinava às crianças em 1898, através do “Livro Primeiro”, uma premissa capitalista e liberal: “Eu queria ser rico para ajudar os pobres”.

O estudo e o trabalho na infância constituíam-se na única maneira de obter “um homem forte e capaz para lutar vantajosamente com todos os demais seres da criação” (Barrán, 1990b, p. 38, trad. nossa). Para o criador da escola disciplinadora, a criança era um bárbaro etário, o gaúcho um bárbaro cultural e a civilização dessas barbáries eram essenciais para a “regeneração” do país (Barrán, 1990b, p. 21-22). O autor agregou que o gaúcho vivia numa “liberdade selvagem [...] a liberdade que não refreia nem os maus costumes nem os vícios e que faz com que o homem se aproxime mais e mais pela esfera do animal”; ademais, que o mal do gaúcho era “o horror ao trabalho” (Barrán, 1990b, p. 23-24, trad. nossa). O autor ainda destaca que em 1881 o professor Marcos Sastre, em seus “Conselhos de ouro sobre educação, dedicados às mães de família e aos instrutores”, afirmava que era necessário: “[...] ordem ante tudo, à assistência pontual e à constância no trabalho”. O essencial era “[...] a vigilância incessante sobre todos os alunos [...] que não havia nenhuma criança, em nenhum só instante, que não tenha ocupação e que a ociosidade era a mãe da desordem e de todos os vícios”

(Barrán, 1990b, p. 39, trad. nossa). O trabalho não apenas salvava o homem da indigência, como também era uma nova concepção “civilizada” do prazer.

Na mesma época em que começou o processo de modernização no Uruguai, através da reforma escolar, produz-se a ascensão dos estancieros. Nesse sentido, na Revista da Associação Rural do Uruguai, em seu número 93, de 15 de outubro de 1876, publicam-se os “conselhos matrimoniais de Benjamín Franklin sobre o trabalho, único meio se enriquecer, mãe de todas as virtudes do cidadão e o chefe de família, único pai, por fim, da felicidade, pois esta não se concebe no ócio” (Barrán, 1990b, p. 27, trad. nossa). Essa nova configuração espalhou o ousado corpo a tal ponto que o uso em excesso da figura de Vênus foi sancionado mediante a lente da moral puritana, sendo a gênese de um novo modelo demográfico que passou de uma alta a baixa taxa de natalidade e mortalidade. A nova sensibilidade, a civilizada, disciplinou a sociedade:

*[...] impôs a gravidade e a pose do corpo, o puritanismo à sexualidade, o trabalho ao “excessivo” ócio antigo, ocultou a morte afastando-a e embelezando-a, horrorizou-se perante o castigo de crianças, delinquentes e classes trabalhadoras e preferiu reprimir suas almas [...] descobriu a intimidade transformando a “vida privada”. Elegeu a época da vergonha, da culpa e da disciplina (Barrán, 1990b, p. 11, trad. nossa).*

Essa nova sensibilidade tratou de conter a sentimentalização bárbara da vida, já que era de bom gosto reprimir o pranto, o riso e toda afetividade que impregnou a cotidianidade durante a sensibilidade bárbara. Entre os reformadores encontramos membros do clero, determinados presidentes, ministros, legisladores, jornalistas, mestres e estancieros, estes com o afã de “suavizar” os violentos costumes rurais.

Entre 1860 e 1890 o Uruguai viveu momentos decisivos que impulsionaram sua condição social e econômica através do melhoramento genético do gado, a introdução das estradas de ferro, telégrafo, telefonia e correios que, nos seu conjunto, concorreram para estabelecer uma ampla rede de comunicação para além das fronteiras nacionais. A introdução de tecnologias de comunicação no final do século XIX no Uruguai possibilitou que a zona da Campanha brasileira se beneficiasse amplamente da modernidade que chegava a suas fronteiras. A introdução da telefonia em Bagé/RS, por exemplo, em 1910, através do empresário uruguaio Manoel Ganzo Fernández, permitiu que a cidade tivesse ligação telefônica com Montevidéu muito antes de tê-la com a capital sul-rio-grandense, Porto Alegre (Silveira & Stevens, 2006). Consta também que o empresário teria atuado em São Borja, na fronteira com a Argentina, conforme atesta o patrimônio de uma máquina telefônica em seu museu municipal.

Em síntese, o Uruguai se modernizou compassando sua evolução demográfica, tecnológica, econômica, política, social e cultural à da Europa capitalista, começando o dito processo pela transformação no meio rural através da introdução da raça Merina na incorporação da exploração ovina como complemento

do tradicional bovino, o cercamento dos campos e a substituição do estancieiro caudilho pelo estancieiro empresário (Barrán, 1990b, p. 15-16).

A modernização implicou que a sociedade se estratificasse claramente. Nesse sentido “o alto comércio” e os estancieiros organizados na Associação Rural desde 1871, começaram a ser chamados em meados de 1880 de “classes conservadoras”, por impulsionar a ordem social e o trabalho, pois na revista que era publicada pela Associação, em 1876, declararam que o ócio equivalia a “aborrecimento e a momentos perdidos” (Barrán, 1990a, p. 46).

O disciplinamento implicou numa reforma moral que tinha como pontos de união o terror ao ócio, à sexualidade, ao jogo e à festa, endeusava o trabalho, a economia de dinheiro e de sêmen, o recato do corpo dominado, princípios que garantiam a submissão dos corpos e das almas às exigências do modelo econômico e social nascente.

## **5. Aspectos do disciplinamento no discurso de *La Propaganda Rural***

O panorama até aqui referido permite relacionar os aspectos da formação da sociedade disciplinada no Uruguai com o discurso de divulgação científica difundido por *La Propaganda Rural* sobre a exploração pecuária, de importância econômica fundamental para a região Platina. Demonstra-se a seguir como os antecedentes discursivos se configuraram com vistas a observar a condição de disciplinamento. Entende-se que corresponderia à atividade de divulgação científica a composição de discursos ocupados em prescrever regras que, sendo dirigidas a um leitor modelo, atentavam para o objetivo de prestar informações com vistas a solucionar um problema satisfatoriamente.

Foucault (2006) esclarece que a disciplina se configura como um princípio de controle do discurso, fixando o limite entre o que pode e o que não pode ser dito em determinado contexto histórico para ser considerado como verdadeiro: “É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (Foucault, 2006, p. 34).

Os procedimentos de análise de discurso foram realizados observando-se os pressupostos de Pêcheux (1997). Ao acreditar numa relação entre o discurso e as posições políticas e ideológicas dos sujeitos, o autor apropria-se do conceito de formação discursiva cunhado por Foucault (2008) associando-o à noção de formação ideológica. Com isso, Pêcheux (1997) considera que o discurso só existe na relação entre os sujeitos e que estes não podem se desvencilhar de posições ideológicas. O autor entende que diferentes grupos de sujeitos assumem distintas posições sociais, possibilitando que os discursos manifestem conflitos

existentes, já que os discursos trazem em suas estruturas a materialidade das ideologias daqueles os enunciam. Atenta-se, ainda, que:

*[...] as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura dada (Haroche; Henry; Pêcheux, 2011, s.p.).*

Assim, para Pêcheux (1997), são quando circunscritas no interior das formações ideológicas que as formações discursivas tornam-se possíveis e fazem sentido. Elas nada mais seriam que construções enunciativas que obedecem a regras de uma estrutura discursiva admissível pela existência de uma formação ideológica primeira. Nesse sentido, considera-se por formação ideológica o cenário apresentado sobre o Uruguai disciplinado; a produção discursiva, por essa perspectiva, obedece às regras instauradas por tal formação. Ainda em coerência com o autor, essa formação ideológica condiciona que um número específico de enunciados seja correlacionado em uma mesma formação discursiva, a qual demonstra a interligação entre os textos através de certa regularidade. Permite-se assim reconhecer a regularidade de tal disciplinamento no discurso sobre ciência disseminado pela revista, articulando a categoria de formação discursiva aqui analisada e denominada de formação prescritiva.

Para tanto, foram selecionados três textos de divulgação científica veiculados por *La Propaganda Rural* durante o ano de 1909. O recorte temporal se deu por ser o primeiro ano da publicação disponível para consulta no arquivo da sede da revista. Os textos foram lidos e descritos abaixo (sempre com tradução nossa), seguidos da discussão analítica. Vale salientar que nessa época a revista tinha periodicidade quinzenal e era produzida por uma equipe de especialistas.

O texto intitulado “A preparação da lã para o mercado: uma carta australiana” ocupa toda a página 17 da edição de 1º de fevereiro de 1909. É assinado por R. H. Harravell e relata minuciosamente os procedimentos técnicos utilizados na Austrália para o manejo, tosquia e classificação de lã. É explanada, no primeiro parágrafo, uma justificativa, explicitando a importância atribuída aos estudos dedicados ao assunto: “Não há país no mundo onde se tenha dedicado mais tempo e estudado melhor a preparação da lã para o mercado do que na Austrália”. No entanto, entende-se que a classificação dos tipos de lã deve levar em conta condições de raça do animal, território e clima, por exemplo, as quais são diferentes no Uruguai e Austrália, por isso o enunciado enfoca tais distinções ao determinar que no Uruguai os tipos de lã seriam divididos em três lotes, enquanto na Austrália em dois lotes, em acordo à qualidade do material.

No terceiro parágrafo, antes de relatar os procedimentos australianos, o texto considera que certos detalhes devem ser observados para garantir melhor aproveitamento e rentabilidade: “[...] tanto para o criador quanto para o comprador; este pagará o preço mais alto possível, se tiver a segurança de obter um

lote parelho, bem classificado”. Ainda no quarto parágrafo, o enunciado ressalta que “o trabalho deve ser feito científica e honradamente, redundando disto o benefício do criador”. Tal benefício estaria relacionado à confiança adquirida pelos criadores, já que os compradores reconhecem quem acondiciona bem as lãs.

O enunciado se detém na explicação de certos procedimentos adotados na Austrália. Observa-se que a modernização possibilitou o uso de máquinas de tosquia, abolindo, por isso, o antigo método de cortar a lã manualmente. Os procedimentos são explicados passo a passo, indicando, inclusive, as posições tomadas pelos trabalhadores, prescrevendo-se que cada um se posicionasse a cada lado da mesa; e eles seriam guiados por um classificador especialista. Após a tosquia, a lã é separada para a classificação. Reitera-se a importância de não misturar as lãs de qualidade boa com as regulares e de atentar para que os enfiamentos sejam feitos com mesmo tamanho e peso.

O texto encerra considerando alguns pormenores para obter uma lã de boa qualidade, como a importância do banho dos animais e a higienização dos galpões. Destaca ainda que “Os criadores que observarem todos os detalhes expostos neste artigo tirarão proveito deles”, ressaltando, no último parágrafo, que “Apesar de os elementos primordiais para a obtenção de uma boa safra são boas ovelhas e bons campos, todos os detalhes enumerados contribuem, em muito, ao êxito”.

O segundo texto selecionado para a análise é intitulado “Novo procedimento para enxertar”<sup>1</sup>, sem autoria, e ocupa duas colunas completas dentre as três existentes na página 23 da edição veiculada em 15 de março de 1909. Ele se detém em descrever todos os passos do “[...] novo sistema para obter rápida e economicamente bons enxertos, posto em prática com êxito completo pelo conhecido professor Lawaren”.

Relata as técnicas metódica e detalhadamente, explicando como efetuar o procedimento e as medidas exatas para realizá-lo, a exemplo de como cortar as plantas com as mãos, atar os enxertos em conjuntos de 12 a 15 unidades e onde e como conservá-los. Após isso, explicita-se que este é um: “novo sistema de preparar os enxertos, que trará uma verdadeira revolução nesta importante parte do cultivo”.

Considera-se, ainda, que o procedimento, se aplicado tal qual explicado no texto, resulta em enxertos mais perfeitos e sólidos, garantindo que “Já não são resultados de 25 a 80 por cento, mas de 100 por cento”. Demonstrando os valores para a realização dos enxertos, o enunciado reforça os benefícios econômicos da técnica: “Contando, pois, no máximo, custarão mil enxertos seis ou sete vezes menos que com os procedimentos atuais, e serão de qualidade infinitamente superior”. Finaliza-se o texto com a mesma ênfase ao melhoramento que a téc-

---

1 Este título original contém um erro ortográfico (mantido nas referências): utiliza-se “ingertar” ao invés de “injertar”, traduzido como “enxertar”, um procedimento para reprodução de plantas.

nica possibilita, exaltando-a: “O enxerto no musgo marcará, pois, uma maravilhosa etapa dos anais da viticultura”.

*O terceiro texto analisado, intitulado “A tuberculização—como se efetua”, igualmente sem autoria, é uma nota que ocupa pouco menos da metade de uma das três colunas da página 9 da edição publicada em 15 de maio de 1909.<sup>2</sup> O texto, mais direto que os demais analisados, informa sobre três dados evidenciados e publicados pela Universidade Veterinária Real de Londres a respeito do que fazer em caso de o gado ser diagnosticado com tuberculose.*

As três considerações são relatadas em tópicos. Indica-se que tais animais devem permanecer num galpão, protegidos, sem variação na alimentação e sem beber água fria em grandes quantidades entre 6hs e 18hs após tomarem a injeção. Prescreve-se ainda a dose do medicamento em relação ao tamanho do animal (3cm<sup>3</sup> ou 50 gotas para uma vaca de tamanho médio e 4cm<sup>3</sup> para um boi). Por fim, demonstra-se a forma como o medicamento deve ser injetado, via seringa hipodérmica, indicando as partes do corpo mais convenientes.

O embasamento científico e tecnológico é evidenciado nos textos acima descritos numa dimensão que busca incidir no desenvolvimento do setor agropecuário, na medida em que se consideram as técnicas relacionadas como uma forma de melhoramento e superação de procedimentos ultrapassados. Distanciam-se, entretanto, de reflexões e depoimentos a respeito desses procedimentos, detendo-se em relatos unilaterais, condicionados à exaltação dos benefícios possibilitados pelas técnicas em pauta. Essa exaltação é percebida tanto em textos assinados, como por aqueles produzidos pela equipe de redação do periódico. Assim, constata-se que a equipe era composta exclusivamente por especialistas veterinários ou agrônômicos, os quais intercalavam suas opiniões a respeito dos temas em foco. Além disso, é importante ressaltar a falta de referência às fontes, demonstrando a apropriação subordinada de conteúdos e possível ausência de entrevistas nas produções da equipe que compunha a revista.

Apesar das particularidades temáticas observadas nas descrições acima, os três enunciados estão interligados por uma mesma formação discursiva denominada aqui como prescritiva, a partir da evidência de uma regularidade que possibilita correlacioná-los. Essa regularidade é compreendida, neste trabalho, a partir de duas visadas envoltas pelo disciplinamento dos sujeitos na sociedade uruguaia, conforme já foi elucidado: 1) a visada utilitária dos conhecimentos científicos e tecnológicos; e 2) a visada processual de aplicabilidade regrada. Uma serve como base para a construção enunciativa e de sentido da outra, de maneira que existe uma circunstância de interdependência entre elas, como veremos a seguir.

---

2 Tuberculização é o método utilizado para diagnosticar a tuberculose em animais.

A visada utilitária dos conhecimentos científicos e tecnológicos demonstra que os enunciados obedecem ao princípio que reconhece a importância de serem úteis ao leitor; devem ser estruturados com vistas a que o leitor compreenda que pode utilizar tais informações em sua prática. Estabelece-se objetivando a qualidade de prestação de serviço à comunidade pecuarista, à qual são disponibilizadas informações científico-técnicas que podem ser aproveitadas em benefício próprio. Os enunciados, dessa maneira, demonstram a tentativa de condicionar os sujeitos a efetuarem um procedimento de base científica específico, levando em consideração sua comprovada qualidade em países que compunham a Grã-Bretanha, através dos melhores resultados possíveis quando relacionados à inferioridade de outras prováveis técnicas. Com isso, percebe-se um eminente esforço em prol da domesticação do leitor, que é conduzido a realizar tal procedimento caso queira obter resultados mais satisfatórios. Para que a utilidade se faça efetiva é enfatizada na estrutura dos enunciados a necessidade de que se descrevam os procedimentos para que possam ser aplicados. Disso se sugere a segunda visada.

A visada processual de aplicabilidade regrada é direcionada a fazer com que o leitor obedeça a um caminho específico com o objetivo de alcançar um resultado desejado. Neste cenário, o conhecimento científico é reduzido aos processos técnicos descritos ora com uma riqueza de detalhes, ora de maneira menos minuciosa. Assim, os enunciados são estruturados por meio da especificação de registros sobre como o leitor deve proceder, passo a passo, ao aplicar as técnicas. A partir disso, expõe-se, por exemplo, aquilo que deve e o que não deve ser feito; o local adequado para realizar o procedimento; o material a ser utilizado, da mesma forma sobre como usá-lo; etc. Aponta-se ainda que o sistema deve ser obedecido tal qual descrito para que o resultado seja realmente satisfatório. Essa obediência também se relaciona ao disciplinamento dos sujeitos, já que demonstra um controle sobre eles a partir da distribuição de compromissos regrados através de uma processualidade que deve ser seguida à risca. Da perspectiva da divulgação científica, faz-se necessário que o enunciado se condicione à perspectiva utilitária para que o processo seja descrito, de forma a permitir que o leitor compreenda a possibilidade de se aproveitar de tal informação para seu próprio benefício. Isso demonstra a relação de interdependência entre as duas visadas para a sistematização da formação prescritiva entendida na presente análise.

A regularidade, compreendida em torno das duas visadas, é percebida pela condição disciplinar de uma prescrição ao leitor, de objetivar que ele siga uma série de regras demonstradas nos enunciados como a melhor solução para um problema específico. Dessa maneira, ao divulgar o conhecimento científico e tecnológico através de uma formação prescritiva, os enunciados dispõem de uma estrutura discursiva demonstrativa da utilidade de informações para a aplicação de um certo procedimento.

Tal formação envolvida pela perspectiva disciplinar da sociedade uruguaia não se propõe a discutir os processos científico-técnicos, mas visa apenas descrevê-los e afirmar suas respectivas eficácias. Os enunciados são estruturados numa condição positivista e unilateral de aplicações técnicas advindas da pesquisa em ciências agrárias na Grã-Bretanha ao demonstrar que é apenas necessário obedecer a um processo técnico com base científica de maneira gradual e correta para obter um resultado proposto como verdadeiramente satisfatório.

Essa formação prescritiva é regida, desse modo, por uma formação ideológica relacionada ao disciplinamento evidenciado na sociedade uruguaia à domesticação da atividade pecuária por meio da obediência a técnicas ditas eficazes. Os enunciados prescritivos de divulgação científica, nesse contexto, assim como a disciplina propriamente, permitem a produção de sujeitos obedientes às normas estabelecidas, normalizados, disciplinados. Dessa maneira, tais enunciados dedicam-se a sujeitar ações úteis à sociedade ao aplicar as informações prescritas em conformidade às regras descritas.

## 6. Considerações finais

O panorama apresentado sobre a integração da região Platina, levando em conta sua relação com o ambiente rural e seu desenvolvimento agrário no Uruguai, marcado pela passagem de uma sociedade bárbara para uma disciplinada, caracteriza-se como o cenário que constata o entendimento do contexto ideológico adotado neste trabalho. Instaure-se uma perspectiva que condiciona os sujeitos a uma racionalidade de obediência a regras de trabalho, definindo os termos do desenvolvimento econômico da região.

A evidência de uma formação prescritiva, relacionada ao disciplinamento que constitui a sociedade uruguaia, corrobora a já evidenciada relação entre formação ideológica e formação discursiva levantada por Pêcheux (1997). O aporte teórico-metodológico da análise do discurso possibilita a constatação de que os antecedentes discursivos de divulgação científica veiculados pela revista de circulação transnacional *La Propaganda Rural* são condicionados às regras que constituem a formação ideológica. Reitera-se que o discurso é controlado por uma estrutura que determina e polícia o que pode e como deve ser dito.

As visadas utilitárias dos conhecimentos científicos e tecnológicos e processual de aplicabilidade regrada constituíram-se como estratégicas e caracterizam a relação da formação prescritiva com a formação ideológica instituída pela sociedade disciplinada do Uruguai e irradiada em seu âmbito de circulação. Os enunciados analisados demonstram empiricamente a validade de tais visadas para o entendimento de uma formação prescritiva no discurso sobre ciência da revista analisada já em seus primórdios.

Com isso, entende-se que a constituição de uma sociedade disciplinada no Uruguai contou com o apoio de discursos de divulgação científica sobre a ativi-



dade pecuária em que pontuou a formação prescritiva, desocupada de elucidar e refletir criticamente sobre os processos científico-técnicos ou de revelar interesses econômicos dos quais se fazia propagandista. Detinha-se apenas no relato de prestação de serviço que denota, a partir da descrição da sequência de passos a serem tomados para a aplicação de uma técnica, aquelas ações que deveriam ser praticadas pelos sujeitos, considerando regras específicas com vistas a atingir um resultado satisfatório na perspectiva de custo-benefício econômico.

Aprender as formações de antecedentes discursivos, passíveis de serem percebidos em publicações históricas, a exemplo de *La Propaganda Rural*, pode indicar os percursos seguidos pelo discurso de divulgação científica e sua configuração no decorrer do tempo. A necessidade de evidenciar tais antecedentes torna-se relevante para pesquisas que objetivem compreender quais sentidos são possibilitados pelo discurso, considerando as mudanças que os diferentes contextos históricos viabilizam. É necessário, assim, que um contínuo esforço seja exercido em novas investigações com o propósito de aprimorar a reflexividade sobre a divulgação de ciência e seu poder de disciplinamento social.

## Referências bibliográficas

- Barrán, J. P. (1990a). *Historia de la sensibilidad en el Uruguay: la cultura "bárbara" (1800-1860)*. Montevidéo: Banda Oriental.
- Barrán, J. P. (1990b). *Historia de la sensibilidad en el Uruguay: el disciplinamiento (1860-1920)*. Montevidéo: Banda Oriental.
- Caetano, G. & Rilla, J. (2005). *Historia Contemporánea del Uruguay*. De la Colonia al Siglo XXI. Montevidéo: Fin de Siglo.
- Courlet, B. A. (2005). Identidades em uma zona de fronteira: a região do prata no período colonial. *Anais da II Jornada de História Regional Comparada*. Recuperado de: <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/2/H4-03.pdf>.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2006). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Golin, T. (2002). *A fronteira*. Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Porto Alegre; L&PM. V.I.
- Haroche, C.; Pêcheux, M.; Henry, P. (2007). A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: Baronas, R. L. *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João. Recuperado de: [http://www.lettras.ufscar.br/linguagem/edicao03/traducao\\_hph.php#\\_ftn1](http://www.lettras.ufscar.br/linguagem/edicao03/traducao_hph.php#_ftn1).
- La preparación de la lana para el mercado: una carta australiana. (1909, 01 de fevereiro). *La Propaganda Rural*, Montevidéo.
- La tuberculinización: cómo se efectúa. (1909, 15 de maio). *La Propaganda Rural*, Montevidéo.

- Markarian, V. & Yaffé, J. (2000). Entrevista: José Pedro Barrán: “¿Cómo pude haber escrito esto?”. *Historia y problemas del siglo XX*, 1(1).
- Narotzky, S. & Smith, G. (2010). *Luchas inmediatas: gente, poder y espacio en la España rural*. València: Universidad de Valencia.
- Nuevo procedimiento para ingertar. (1909, 15 de março). *La Propaganda Rural*, Montevideú.
- Pêcheux, M. (1997). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- Real de Azúa, C. (1984). *Uruguay, ¿una sociedad amortiguadora?* Montevideo: Banda Oriental.
- Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras.
- Ribeiro, D. (1969). *Las Américas y la civilización: los pueblos trasplantados*. Civilización y desarrollo. Buenos Aires: Centro editor de América Latina.
- Rosmarino, D. (2015). *Entrevista concedida a Phillipp Dias Gripp*. Montevideú, 27 fev. 2015.
- Santos, M. (2000). *La naturaleza del espacio*. Madrid: Ariel.
- Silveira, A. C. M. & Stevens, L. (2006). Globalização, reconhecimento identitário e estratégias de localização. *Comunicação Midiática*, (6), p. 30-50.
- Vieira, J. C. N. (2015). *Entrevista concedida a Ada C. M. Silveira e Phillipp D. Gripp*. Bagé, 12 jan. 2015.
- Williman, J. C. (1994). *Historia económica del Uruguay. 1900-1930*. Montevideú: Fin de Siglo. T II.